

# RELIGIÃO E ECOLOGIA: UM CONVITE A CONSPIRAR EM FAVOR DA VIDA

João Luiz Correia Júnior<sup>1</sup>

## RESUMO

Este artigo trata da relação entre o homem e a natureza, sua importância para a manutenção da vida no planeta e a conseqüente necessidade e responsabilidade que as pessoas, sobretudo as de sensibilidade religiosa, têm de preservá-la. O artigo expõe a preocupação com a natureza demonstrada pelos povos de religiões tribais, defende que a percepção da grandeza de Deus ao se observar a natureza se encontra no cerne da religião judaica, e finaliza apontando uma perspectiva cristã a respeito do cuidado com o ecossistema.

## ABSTRACT

This paper deals with the relationship between man and nature, its importance for life's maintenance on the planet and the following need and responsibility people have to preserve it, mainly people of religious sensibility. It shows the concern about nature demonstrated by tribal religions people, it defends that God's greatness insight when one observes nature is in the pith of Jewish religion, and points to a Christian perspective regarding the ecosystem care.

---

<sup>1</sup> Leciona disciplinas bíblicas e teológicas na UNICAP – Universidade Católica de Pernambuco, assessora o CEBI – Centro de Estudos Bíblicos, na região Nordeste, é Doutor em Teologia, com concentração na área bíblica, e tem livros em Editoras como Paulinas e Vozes. Atualmente é vice-presidente da ABIB – Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica e sócio da SOTER – Sociedade de Teologia e Ciências da Religião.

## INTRODUÇÃO

Os porta-vozes das diversas áreas do conhecimento humano advertem, há décadas, que as fontes de vida estão ameaçadas e em vias de esgotamento. Este processo já vinha se desenvolvendo ao longo dos séculos, mas acelerou-se com a chamada “revolução industrial”<sup>2</sup>.

Quanto mais evolução e revolução tecnológica, mais destruição do ecossistema para alimentar a ganância desenfreada de pessoas que se organizam em empreendimentos, inclusive com incentivos governamentais, que logo se transformaram em empresas multinacionais, cuja finalidade é a acumulação do capital nas mãos de poucos.

Se é que ainda resta tempo para salvar a terra, temos de nos apressar ao sentir a urgência de uma conversão de mentalidade, de costumes e de modo de viver, tanto no plano pessoal como no nível social e político.

A terra grita e as pessoas de boa vontade, sobretudo as de sensibilidade religiosa, são chamadas a escutar esse clamor. E não apenas isto. É necessário que as testemunhas desse grito tenham coragem de “conspirar” em favor da vida.

Karl Barth<sup>3</sup>, um dos mais famosos teólogos protestantes de

---

<sup>2</sup> A **Revolução Industrial** consistiu em um conjunto de mudanças tecnológicas com profundo impacto no processo produtivo em nível econômico e social. Iniciada na Inglaterra em meados do século XVIII, expandiu-se pelo mundo a partir do século XIX. Ao longo do processo (que de acordo com alguns autores se registra até aos nossos dias), a era da agricultura foi superada, a máquina foi superando o trabalho humano, uma nova relação entre capital e trabalho se impôs, novas relações entre nações se estabeleceram e surgiu o fenômeno da cultura de massa, entre outros eventos. Essa transformação foi possível devido a uma combinação de fatores, como o liberalismo econômico, a acumulação de capital e uma série de invenções, tais como o motor a vapor. O capitalismo tornou-se o sistema econômico vigente. Recolhido em 25 de setembro de 2010, do site: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o\\_Industrial](http://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Industrial).

<sup>3</sup> **Karl Barth** (10 de Maio de 1886—10 de Dezembro de 1968) foi um teólogo cristão-protestante, pastor da Igreja Reformada, e um dos líderes da teologia dialética e da neo-ortodoxia protestante.

Nasceu na Basileia e foi criado em Berna (ambas na Suíça). De 1911 a 1921 foi pastor da aldeia de Safenwil no cantão de Aargau. Lecionou teologia em Bonn, Alemanha, mas, em 1935, recusou-se a apoiar Adolf Hitler e teve que deixar o país, retornando à Basileia. Tornou-se um dos líderes da Igreja Confes-

todos os tempos, gostava de definir o Cristianismo como “Conspiratio testium”, conspiração de testemunhas. É urgente nos unirmos para firmar um compromisso que deseja traduzir-se no que há de mais típico na Igreja cristã, o testemunho, a “martíria”... o martírio, num ato de conspiração pela vida – coisa que o Cristianismo (por meio de suas Igrejas) tem de fazer sempre, incansavelmente, “oportuna e importunamente”.<sup>4</sup>

### AS RELIGIÕES DOS POVOS TRIBAIS E SUA RELAÇÃO COM A NATUREZA

As Religiões dos povos tribais ou primevos (adjetivo relativo a “primeiros tempos”, como alternativa aos desgastados termos “antigos” ou “primitivos”) cumpriram o papel de trazer continuamente o ser humano a uma ligação umbilical com a terra, valorizando de tal modo elementos da natureza a ponto de divinizá-los. Segundo Max Weber, as divindades dos povos tribais adquirem relevo, mediante a situação vital em que estão inseridos contextualmente na luta pela sobrevivência<sup>5</sup>. O culto a elementos da natureza tidos como divindades decorria, portanto, das necessidades reais das pessoas, tais como em situações referentes a nascimento, enfermidade, morte, fogo, seca, chuva, trovoadas ou colheita. A partir da repercussão econômica dessas situações particulares, podia então determinado deus alcançar a supremacia no panteão. Tome-se por exemplo o deus do céu: o sol, concebido como senhor da luz e do calor e, com muita frequência, entre os povos criadores de gado, como senhor da procriação. É claro que a adoração das divindades ctônicas (=terrenas), tais como a Mãe Terra, pressupõe, em geral, certo grau de importância relativa da agricultura. Sem dúvida, as divindades ctônicas que dominam as colheitas costumam ter um

sante, grupo oposto ao Movimento Cristão Alemão. Foi o principal redator da Declaração Teológica de Barmen.

Originalmente treinado na Teologia Protestante Liberal, desapontou-se com ela devido aos males e horrores da Primeira Guerra Mundial. Em algum momento de sua carreira teológica, migra da teologia puramente dialética e passa a utilizar a analogia da fé. Para ele, a analogia seria a única forma viável de se falar de Deus. [http://pt.wikipedia.org/wiki/Karl\\_Barth](http://pt.wikipedia.org/wiki/Karl_Barth).

<sup>4</sup> SOARES; op.cit. p. 16.

<sup>5</sup> WEBER, Max. Economia e Sociedade: Fundamentos de sociologia compreensiva – Vol. 1. São Paulo: UnB; Imprensa Oficial, 2004, p. 285.

caráter mais popular do que as outras.<sup>6</sup>

Também na cultura religiosa dos povos indígenas, de um modo geral, há uma forte ligação com a terra, por meio de rituais cujas festas coincidem com as mudanças de estações. Os indígenas sentem-se parte da terra e a veneram como fonte de vida, mãe e deusa. A terra é chamada de *pachamama* (mãe terra, espaço sagrado onde se constitui a família extensa<sup>7</sup>). *Pachamama* (da língua quechua *Pacha*, “universo”, “mundo”, “tempo”, “lugar”, e *Mama*, “mãe”, significa “Mãe Terra”), é a deidade máxima dos Andes peruanos, bolivianos, do noroeste argentino e do extremo norte do Chile. É uma deusa da fertilidade que engendra vida.

Os povos tribais e os povos indígenas, em sua ligação com o ecossistema, se guiam para um cosmos unificado, que os sustém como um útero vivo. Já que eles assumem que o cosmos existe para nutri-los, não têm qualquer disposição pra desafiá-lo, agredi-lo, modificá-lo ou fugir dele. Além da consciência de ligação profunda com o cosmos, os povos tribais compreendem que nenhum elemento da natureza é aquilo que aparenta ser, mas simplesmente a pálida sombra de uma Realidade Maior. É por isso que todo elemento da natureza é *wakan* (sagrado) e tem um poder compatível com a elevação da realidade espiritual por ele refletida. O índio se humilha diante da totalidade da criação porque todas as coisas visíveis foram criadas antes dele e, sendo mais velhas do que ele, merecem respeito. Eles viam o “mais” no “menos”, no sentido de que a paisagem, para eles, era um reflexo de uma realidade superior que “continha” a realidade visível.<sup>8</sup>

Assim, percebe-se que, na experiência daqueles povos, era bom para o equilíbrio (físico, psíquico, espiritual e social) cultivar e preservar a ligação com o cosmos (a terra e o céu). Tal ligação se expressava de modo muito singelo por meio do culto religioso a diversos elementos naturais tidos como divinos, a fim de que a

<sup>6</sup> WEBER, op. cit. pp. 285-286.

<sup>7</sup> CARRASCO A. Victoria. Antropologia indígena e bíblica. Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana, n. 26, p 25-47. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 31. Citado por SILVA, Valmor da. Hermenêutica indígena e bíblica. In. REIMER, Haroldo. SILVA, Valmor da. (orgs). Hermenêuticas bíblicas: contribuições ao I Congresso Brasileiro de Pesquisa Bíblica. São Leopoldo: Oikos; Goiânia: UCG, 2006.

<sup>8</sup> Idem, *ibid*, p. 356-357.

vida do grupo continuasse a existir, por gerações. Portanto, para eles, todo ecossistema não era apenas uma reserva natural, mas, sobretudo, um paraíso ecológico permeado pela presença viva do divino, de algo sobrenatural, no qual os mortais têm a dádiva de habitar e do qual podem saborear.

### AS ÁGUAS CRISTALINAS DO PRÓPRIO POÇO

Segundo Rudolf Otto<sup>9</sup>, “o sagrado [...] está vivo em todas as religiões, constituindo seu mais íntimo cerne, sem o qual nem seriam religião”. E acrescenta logo em seguida: “Presença marcante ele [o sagrado] tem nas religiões semitas, e de forma privilegiada na religião bíblica”.<sup>10</sup> Partindo deste pressuposto – de que o sagrado está presente de forma privilegiada na religião bíblica –, faremos uma incursão nas intuições bíblicas, com o objetivo de beber no próprio poço de nossa fonte religiosa, a fim de encontrar inspiração para conspirar em favor da vida do nosso planeta. Tomemos um Salmo como ponto de partida para essa reflexão.

### SALMO 8, UM BELO EXEMPLO DE CONSCIÊNCIA ECOLÓGICA

Na “Religião bíblica” (expressão acima de Rudolf Otto), está presente a mesma consciência de pertença ao cosmos, com acréscimos importantíssimos, que denotam uma etapa mais recente da Teologia (reflexão sobre Deus): embora os elementos do cosmos revelem a grandeza de Deus, não são deuses. São criaturas das mãos de Deus. Mas o ser humano tem a honra da responsabilidade para com toda obra criada; é co-criador.

O Salmo 8 é excelente porta de entrada para redescobrir a mensagem ecológica da Bíblia. A mensagem central é a de que todo ser humano, professe ou não uma fé religiosa, é vocacionado, isto é, recebe o chamado a ser co-criador, companheiro, parceiro na aliança em prol da vida. Nas palavras de Barth,

---

<sup>9</sup> Rudolf Otto (1869-1937) foi um eminente teólogo protestante alemão e erudito em religiões comparadas.

<sup>10</sup> OTTO, O Sagrado. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007, p. 38.

Enquanto Deus age em sua livre graça, ele quer, espera e exige algo de seu companheiro de aliança. Ele o determinou e criou para ser parceiro nessa aliança; para isso ele o elegeu e chamou; como tal ele o atrai para a responsabilidade.<sup>11</sup>

É nessa linha que sonhamos com a urgência de que se forme uma coalisão de crentes e não crentes, com o intuito de conspirar em prol da vida em nosso planeta. Vejamos, portanto, em mais detalhes, o Salmo 8.<sup>12</sup> Não é um Salmo dirigido a alguma criatura presente no céu ou na terra. Trata-se de um Hino, provavelmente composto para cerimônias litúrgicas que celebram a soberania do Criador e a dignidade da criatura humana como corresponsável pela obra criada<sup>13</sup>, e é um desses poemas em forma de oração, cantado originalmente ao som de instrumentos musicais, que nos enlevam e nos remetem ao encanto, à admiração ao sagrado da criação e, conseqüentemente, à ação de graças diante das maravilhas de Deus.

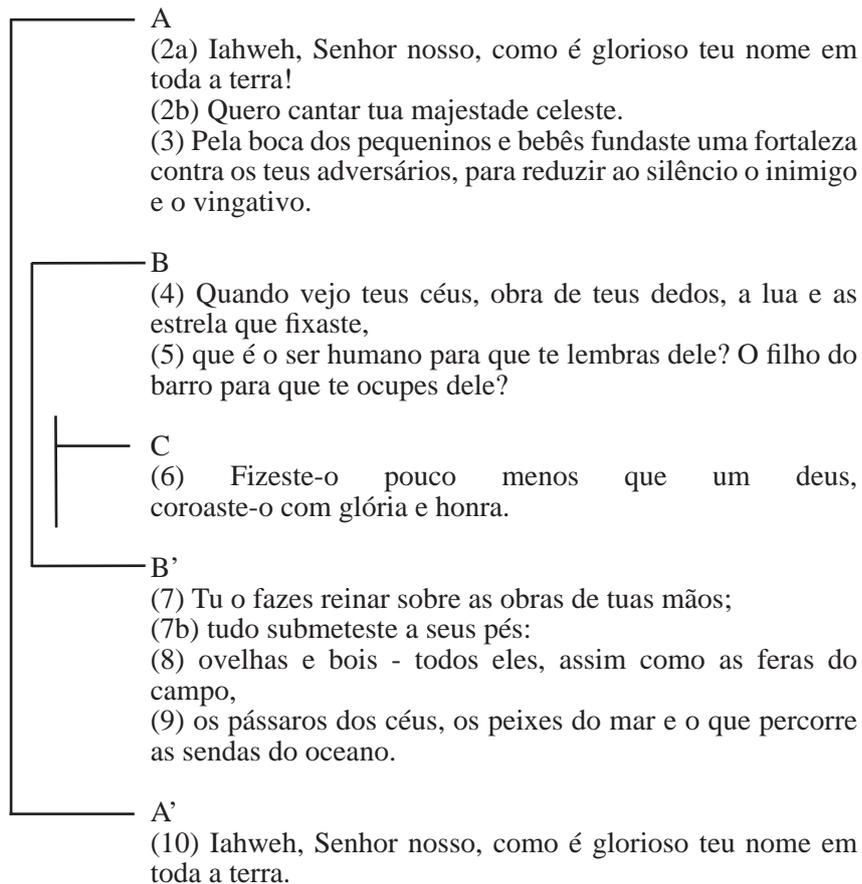
---

<sup>11</sup> Recolhido em 25 de setembro de 2010, do site: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Teologia\\_de\\_Karl\\_Barth](http://pt.wikipedia.org/wiki/Teologia_de_Karl_Barth)

<sup>12</sup> Este comentário ao Sl 8 foi publicado num livro em homenagem ao biblista Milton Schwantes. CORREIA Jr., João Luiz. Salmo 8: poema de louvor a Deus pelo cosmos e pela humanidade. In: *Dimensões sociais da fé no Antigo Testamento: uma homenagem a Milton Schwantes*. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 183-203.

<sup>13</sup> Os Hinos são dirigidos ao Criador (8; 19A; 33; 104), ao Senhor da História (65; 113; 114; 115; 117; 135; 136; 145 – 150). Mas também temos Salmos Históricos em forma de Hino (78; 105; 106), e Hinos Litúrgicos, para grandes solenidades, como a procissão da arca da aliança (24; 132).

Apresenta a seguinte subdivisão:



Temos, portanto, um texto muito bem trabalhado, construído de tal modo que podemos encontrar um centro: o ser humano percebe a sua dignidade e responsabilidade, ao contemplar a criação; desse modo, ele não é uma criatura a mais. Tem a honra e a glória de ser corresponsável pela criação, ao contemplá-la de modo tão admirável.

1. Abertura e conclusão: solene louvor à grandeza de Deus

(2a) Iahweh, Senhor nosso, como é glorioso teu nome em toda a terra!

Como acontece em muitos hinos de exaltação ao Criador, o Salmo 8 começa e termina com um solene louvor dirigido a Iahweh, cuja grandeza, poder e glória se manifestam no cosmos.

Este versículo (também chamado de antífona ou refrão) serve como uma espécie de “moldura” que enquadra a imagem de uma atmosfera noturna, com a lua e as estrelas cintilantes no céu. Quem de nós, tal como o salmista, nunca se encantou com a beleza do firmamento? Quem de nós nunca elevou o pensamento ao Criador diante da imensidão do cosmos?

A exclamação, além de servir de moldura, sintetiza numa frase o tema central do Salmo, que consiste em enaltecer e louvar o Santo Nome de Deus, pela grandeza do conjunto de sua obra, manifestada através do cosmos e da humanidade. Por meio do Salmo 8, o ser humano tem o grandioso privilégio de, como parte da criação, e em nome dela, elevar aos céus um hino de louvor ao Criador: “Iahweh, Senhor nosso”.

O nome de Deus é suprimido em muitas traduções bíblicas, em respeito à cultura religiosa judaica, da qual provêm os Salmos. O Judaísmo não pronunciava o Santo Nome de Deus: Iahweh.

O Deus de Israel é chamado por seu nome pessoa, mais do que por todos os outros títulos juntos; o nome não somente identificava a pessoa, mas revelava seu caráter. Este nome é agora pronunciado Iahweh pelos estudiosos; a verdadeira pronúncia do nome perdeu-se durante o Judaísmo. Em seu lugar era lido Adonai, “Senhor”; a combinação na escrita das consoantes IHWH e as vogais de Adonai, a-o-a, criaram o híbrido Jeová. O significado do nome etimologicamente, é muito controvertido. A LXX (tradução da bíblia hebraica para o grego) traduziu-o por “Aquele que é”, e a Vulgata (tradução da bíblia grega para o latim), “Eu sou quem sou”. Há acordo geral em que o nome deriva da forma arcaica do verbo ser, hawah; outras etimologias propostas são demasiadamente numerosas para serem citadas. W. F. Albright interpretou o nome como derivado da forma causativa e propõe que ele seja somente a primeira palavra do nome completo *yahweh asher-yihweh*, “Ele traz ao ser tudo o que vem a ser”. O nome, portanto, o designaria como criador, e esta etimologia é considerada como a mais provável por muitos estudiosos.<sup>14</sup>

<sup>14</sup> MACKENZIE, op. cit., p. 231, verbete “Deus”.

O salmista reconhece que Iahweh é o “Senhor”, “Soberano”, “Dono” de toda a terra.

Combina um título restringido, “nosso dono”, com um horizonte ilimitado, “toda a terra”. O nosso Deus dilata sua fama pelo universo. “A terra está cheia de sua glória” (Is 6:3). A passagem do limitado, “nosso”, ao universal realiza-se através do “homem”, humanidade como um todo, não só do israelita, enquanto povo determinado.<sup>15</sup>

Iahweh é tratado aqui como o Senhor “nosso”. Interessante notar o seguinte: quem fala aqui emprega o plural, ao passo que o corpo do salmo usa o singular. Isto poderia indicar que originalmente o Salmo 8 foi composto para ser lido em forma de oração durante a liturgia, por meio de uma repartição de papéis entre a assembleia plural e um liturgo ou voz singular. Mas semelhantes mudanças de pessoa e número não são raros em textos litúrgicos.<sup>16</sup> O salmista inclui aí a si mesmo e ao seu próprio povo. Mas, quem pronuncia as palavras desse Salmo, reconhecendo a soberania de Iahweh “por toda a terra”, se inclui entre aquelas pessoas que glorificam a Iahweh como “seu” Deus. Trata-se de um recurso literário interessante: a oração, por meio dos Salmos, como no caso do Salmo 8, faz, da pessoa que ora, partícipe do ato de louvor a Deus.

“Como é glorioso teu nome por toda a terra!”

Essa exclamação exalta o glorioso nome de Deus pela admirável obra por Ele criada: o cosmos e a humanidade.

O glorioso Nome de Deus é exaltado por suas maravilhas: “Eu te celebro, Iahweh, de todo o coração, enumero todas as tuas maravilhas!” (Sl 9:2); “Os céus contam a glória de Deus, e o firmamento proclama a obra de suas mãos...” (Sl 19:2).

O povo de Deus vai elaborando uma sabedoria que considera os céus e a terra evidências claras do poder de Deus: “Pergunta, pois, ao gado e ensinar-te-á, às aves do céu e informar-te-ão. Fala à terra, ela te dará lições, os peixes dos mares te hão de narrar: quem não haveria de reconhecer que tudo isso é obra da mão de Deus? (Jó 12:7-9)

<sup>15</sup> SCHÖKEL; CARNITI; op. cit. p. 200.

<sup>16</sup> SCHÖKEL; CARNITI; op. cit. p. 197-198.

Desse modo, Israel canta a sua fé em Deus, único, eterno, todo-poderoso criador, Senhor da história, sempre fiel ao povo por ele escolhido. Assim, como veremos a seguir, este Salmo bíblico nos convida a enfrentar as adversidades do cotidiano, alicerçados na confiança de que só Deus é o Senhor.

(2b) Quero cantar tua majestade celeste

Este trecho do Salmo 8 é de difícil interpretação. Contudo, estudiosos traduzem aqui o desejo de quem ora (expresso através do salmista) de ampliar ainda mais o louvor expresso na abertura do Salmo (8:2a), e cantar à glória de Deus que se expande majestosamente, isto é, de forma grandiosa, da terra para os céus (8:2b). De fato, o verbo reconstruído do texto original sugere o “cantar antífona” (refrão inicial de um Salmo). Desse modo, “pode significar um serviço cultual. Aqui seria o serviço de louvor”<sup>17</sup>.

(3) Pela boca dos pequeninos e bebês fundaste uma fortaleza contra os teus adversários, para reduzir ao silêncio o inimigo e o vingativo.

Interessante perceber aqui o inusitado: Deus se utiliza da fragilidade humana para enfrentar os poderosos. Por meio “da boca” dos fracos e indefesos, o próprio Deus funda uma fortaleza contra os seus “adversários”, para, a partir daí, “reduzir ao silêncio o inimigo e o vingativo”.

É “pela boca” que brota o louvor dos fiéis a Deus ou palavras hostis contra o próprio Deus. O louvor de quem, em sua pequenez e fragilidade, reconhece o magnífico poder de Deus por sua obra na terra e no céu. Ele dá força e poder contra os que se arvoram fortes, e agem em sua prepotência como seus adversários. Nesse contexto, o reconhecimento de que Iahweh é o Senhor funciona como o alicerce, o fundamento de uma fortaleza interior contra qualquer inimigo. Sobretudo quando tal reconhecimento é cantado em alta voz (nas celebrações litúrgicas), o medo coletivo desaparece, e o inimigo, por mais cruel e vingativo que aparente ser, é reduzido ao silêncio, reprimido, desarmado.

É uma grande intuição opor louvor (dos fiéis) e rebeldia (dos adversários)... Pela boca dos “pequeninos e bebês” (entre os comentaristas antigos é corrente entender aqui o sentido

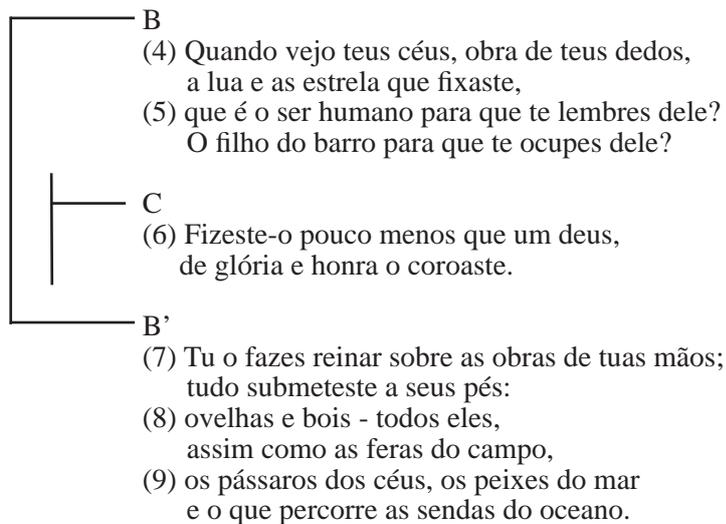
<sup>17</sup> SCHÖKEL; CARNITI; op. cit., p. 195 e 201.

metafórico: humildes, ignorantes, principiantes...) que reconhecem a grandeza do Criador, Deus funda uma fortaleza (muralha inacessível e inexpugnável) para reprimir os rebeldes, reduzindo-os ao silêncio.<sup>18</sup>

Fica, portanto, a mensagem de que o salmodiar a Deus por meio de hinos que louvem o seu esplendor é uma forma de proclamação de fé no seu poder, em meio às adversidades. Tal louvor, além de fortalecer os que permanecem fiéis a Deus, confunde os adversários em seus discursos prepotentes e arrogantes, reduzindo-os, então, ao silêncio.

## 2. Da contemplação à consciência

Ao contemplar a grandiosa obra de Deus, o ser humano percebe a si mesmo em sua real condição de criatura, responsável pela criação que está a seu alcance.



A relação interna do esquema é interessante para mostrar que a contemplação sobre a obra criada por Deus (vv. 4-5) faz o ser humano pensar na sua insignificância e, ao mesmo tempo, sobre a sua responsabilidade diante da criação que está ao seu redor (vv. 7-9). O centro é justamente a consciência de que a sua condição

<sup>18</sup> SCHÖKEL; CARNITI; op. cit., p. 201.

atual é uma honra, dádiva de Deus (v. 6).

Estamos, portanto, no coração do poema, que tem a intenção de contrastar a majestade do ser humano com a sua insignificância e pequenez, em meio aos desafios da criação. Vejamos, então, a análise desses versículos.

(4) Quando vejo teus céus, obra de teus dedos, a lua e as estrelas que fixaste,

(5) que é o ser humano para que te lembres dele? O filho do barro para que te ocupes dele?

Antes da pergunta fundamental sobre “O que é o ser humano?”, encontramos aqui a causa lógica da pergunta. O salmista representa aqui toda a humanidade e cada ser humano em particular, que se questiona sobre si mesmo quando vê a obra da criação na perspectiva da fé. Esse olhar em profundidade chamamos de “contemplação”.

Ao ver os céus, logo o reconhece como obra de Deus. A expressão “obra de teus dedos” não é comum na Bíblia; a fórmula mais freqüente é “obra de tuas mãos” (conforme o versículo 7; Sl 102:26; 28:5; 92:5; 143:5 etc). Contudo, a expressão aparece aqui talvez com a intenção de sublinhar a modelação minuciosa do cosmos: tudo é tão bem feito, que parece obra dos dedos de uma habilidosa bordadeira: os astros são como que bordados na abóbada celeste. Da contemplação religiosa sobre a grandeza do cosmos, isto é, do ver a criação à luz da fé no Criador, brota no coração humano a grande pergunta a respeito do sentido de sua própria existência: “O que é o *ser humano* para que te lembres dele? O *filho do barro* para que te ocupes com ele?”

O “*ser humano*”, do hebraico [*enosh*], talvez designe aqui o homem como ser fraco, mortal (conforme o Sl 103:15 - “O homem!... seus dias são como a relva: ele floresce como a flor do campo; roça-lhe um vento e já desaparece, e ninguém mais reconhece o seu lugar”). O domínio sobre o mundo não é dado a grandes indivíduos, mas sim à comunidade dos homens. Deus cercou com a sua solicitude precisamente o pequeno homem, ser fraco, caduco. Ninguém na humanidade deverá ser excluído de tal autoridade<sup>19</sup>. Assim, este ser carrega a característica de fragilidade,

<sup>19</sup> WOLFF, Hans Walter. Antropologia do Antigo Testamento. São Paulo: Loyola, 1983, p. 214.

que está contida na raiz latina de “*humus*”, humano. A expressão forma um paralelismo perfeito com a expressão hebraica *filho do barro* (*ben adam* em hebraico), que também expressa a finitude humana, tal como está expresso no Eclo 17:30 - “Porque no homem não podem existir todas as coisas pois o filho do homem não é imortal”.

Então, cabe de fato a pergunta: O que é o ser humano? O que temos de tão importante para nos percebermos contemplados pela atenção toda especial de Deus? Quem de fato somos para que Deus pense em nós e se ocupe conosco? Tal questionamento aparece aqui, no Salmo 8, e em outras passagens bíblicas, tais como no Sl 144:3- “Iahweh, que é o homem para que o conheças, o filho do mortal, para que o consideres?”. Em Jó 7:17 encontramos uma retomada deste trecho do Sl 8: “Que é o homem, para que faças caso dele, para que dele te ocupes?”.

De fato, Deus se ocupa pessoalmente com a humanidade. E o faz de modo extraordinário: como num cerimonial de investidura real ou entronização, o salmista afirma que Deus o coroa e o faz reinar sobre toda a obra da criação.

(6) Fizeste-o pouco menor que Deus, de glória e honra o coroaste.

A partir da pergunta sobre o que é o ser humano para que Deus se lembre e se ocupe com ele, o salmista reconhece que Deus se ocupa com o ser humano coroando-o com dignidade quase comparada a um ser imortal: “Fizeste-o pouco menor que Deus, coroaste-o com glória e honra”. Este ser terreno (*adam*), tomado da terra (*adama*), filho do barro (*ben adam*) marcado como todos os seres terrenos pela fragilidade e finitude, está mais próximo de Deus que as demais criaturas: é “pouco menor que Deus”. O ser humano é coroado de glória e de honra porque Deus lhe confia a criação, conforme veremos nos versículos seguintes (vv. 7-9).

(7) Tu o fazes reinar sobre as obras de tuas mãos;

(7b) tudo submeteste a seus pés:

(8) ovelhas e bois - todos eles, assim como as feras do campo,

(9) os pássaros dos céus, os peixes do mar e o que percorre

as sendas do oceano.

É importante notar que Deus é reconhecido pelo salmista como o protagonista: tudo o que o ser humano recebe é dádiva, inclusive o poder que detém sobre a criação. Sua tarefa consiste em cuidar da obra criada, conforme o projeto de expansão da vida, segundo o Plano do Criador.

À primeira vista poderia parecer que assim não fosse. Afinal, às pessoas é dado o mandato de “dominar” e “sujeitar” [“submeter a seus pés”] a terra e os animais (conforme Gn 1:26-28). Tais expressões até parecem justificar a destruição em andamento contra a natureza. Conhecemos a origem de tais expressões. “Sujeitar” e “dominar” identificam o anseio da corte real em relação à natureza (Sl 8:6), em relação a outros povos (Sl 2:7-12; 72:8-11) e obviamente em relação aos próprios súditos. Os exilados provinham deste ambiente. [...] Em Gn 1:26-28 (como no Salmo 8:7-9) “sujeitar” e “dominar” [“submeter”] animais e terra nada mais significa que “administrar”; assim, o consumo da carne, isto é, a morte do animal no interesse da pessoa, está claramente excluído da alimentação. Esta se restringe às plantas, ao que fora criada no terceiro dia. As pessoas não têm, pois, o direito de lançar mão da vida do que foi criado no quinto (peixes e aves) e no sexto dia (animais). [...] Em Gênesis 1, a pessoa está integrada a seu ambiente. Há solidariedade entre pessoas e animais. As pessoas são tão amigas dos animais que foram criadas no mesmo dia, em irmandade. Juntinho à mulher e ao homem foram feitos leões e jacarés. Aparece aí uma integridade da criação.<sup>20</sup>

Desse modo, entende-se que o projeto de Deus para o ser humano é que administre, isto é, que cuide da casa, seu ambiente vital, como seu senhor. A mãe terra, nossa casa, este *oikos*, esta eco-logia e esta eco-nomia, devem estar indubitavelmente sob o nosso cuidado, pois nos foi dada inteligência suficiente para isso. Assim, coerente com a concepção bíblica da Criação que aparece no início do livro do Gênesis (1:28-29), o salmista confirma que a humanidade, criada à imagem e semelhança de Deus, é chamada a

<sup>20</sup> SCHWANTES, Milton. Projeto Esperança: meditações sobre Gn 1 – 11. In: Construir a esperança: encontro Latino-Americano e Caribenho de Organismos Ecológicos. São Paulo: CLAI – Conselho Latino Americano de Igrejas, 1988, pp 91-92.

assumir a responsabilidade pela criação.

Fica evidente que a grande semelhança entre Deus e o ser humano (expressa no momento da criação em Gn1:26) consiste exatamente no poder que ambos têm em relação à criação. Nessa perspectiva, talvez o grande drama humano consiste no fato de que alguns de nós, poucos, mas muito poderosos do ponto de vista econômico e político, abusam desse poder, traindo a confiança de Deus. Em vez de cuidarem da criação, destroem-na em benefício dos seus próprios interesses; tornam-se, desse modo, “adversários” de Deus e “inimigos vingativos” de todas as pessoas que se puserem em seu caminho, conforme se pode perceber logo no início do Salmo (versículo 3b).

O Salmo 8, portanto, ajuda-nos a ter consciência da nossa grandeza, justamente por conta da enorme responsabilidade que temos em relação à criação. Um bom exemplo dessa responsabilidade é expresso nos seguintes termos:

Deus dos Pais, Senhor de misericórdia, que tudo criaste com tua palavra e com tua Sabedoria formaste o homem para dominar as criaturas que fizeste, governar o mundo com justiça e santidade, e exercer o julgamento com retidão de vida, dá-me a Sabedoria que partilha o teu trono. – Sabedoria 9:1-4<sup>a</sup>.

Essa Sabedoria do Povo de Deus, que insiste no domínio (governo) com justiça e santidade, tem seu fundamento na experiência teológica do Êxodo, eixo de toda Teologia Bíblica: Deus não suporta o domínio que destrói a vida; Deus não suporta o domínio opressor do ser humano contra seu semelhante. Por isso Deus toma partido de quem padece injustiça e opressão, a ponto de chamá-lo de “meu povo” (Ex 3:7-10):

Iahweh disse [a Moisés]: Eu vi, eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi o seu clamor por causa dos seus opressores; pois eu conheço as suas angústias. Por isso desci a fim de libertá-lo da mão dos egípcios, e para fazê-lo subir daquela terra a uma terra boa e vasta, terra que mana leite e mel. [...] Vai, pois, e eu te enviarei a Faraó, para fazer sair do Egito o meu povo.

Observa-se, portanto, que perpassa por todo o Primeiro Testamento da Bíblia uma intuição teológica muito antiga de

que o mesmo Deus Criador do Universo, ao repassar poderes à humanidade para cuidar de sua obra, abomina todo poder autoritário e excludente, que em vez de servir à vida em benefício de todos os seres criados (conforme o Projeto de Vida tão claro no Salmo 8 e no Capítulo 1 do livro do Gênesis), promove a inclusão apenas de minorias, segundo seus próprios interesses. Por isso, conforme o Cântico de Ana (1Sm 2:1-10), declamado por Maria em Lc 1:46-55, pobres e pequeninos são socorridos por Deus, em detrimento de ricos e poderosos.

O desleixo como o cuidado que deveríamos ter para com a nossa casa (oikos, eco-logia) e para com nós mesmos e nossos semelhantes, fez surgir a grave crise ecológica atual, aumentando o abismo crescente que separa ricos de pobres. Precisamos refazer a aliança de simpatia e de amor para com o Deus do cosmos e para com todas as criaturas, por meio da retomada de nossa própria vocação de responsáveis pelo conjunto da obra da criação. “Essa conduta reconstrói a morada humana assentada sobre o cuidado e as suas múltiplas ressonâncias”.<sup>21</sup>

### PERSPECTIVA CRISTÃ

Os Evangelhos apresentam a pessoa de Jesus como o modelo (paradigma) para o ser humano que queira assumir o convite de ser corresponsável pelo conjunto da obra criada por Deus, que passa pelo compromisso em promover a vida das pessoas, para que todos possam assumir o projeto de vida do Deus da Vida.

Numa provável referência ao Salmo 8, Jesus Cristo é apresentado no texto aos Hebreus, como aquele “que foi feito, por um pouco, menor que os anjos, por causa dos sofrimentos da morte, coroado de honra e de glória” (Hb 2:9). Assim, a glória de Jesus está no fato de se ter colocado até o último momento a serviço do Projeto de Deus, apesar das ameaças de morte por parte daquelas pessoas que se posicionavam como “adversárias” (o “inimigo vingativo” do Sl 8:3).

Para exercer tal missão, Jesus encontrava forças em Deus, com quem mantinha profunda intimidade, ao ponto de quebrar

---

<sup>21</sup> BOFF, Leonardo. Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 187.

todas as reverências e chamá-lo de *Abba*, palavra que em sua língua materna – aramaico – exprime carinho na relação filial: significa papai, paizinho (conforme Mc 14:36). Nessa intimidade de amor e confiança filial, Jesus de Nazaré foi fiel ao Projeto do Reino de Deus do início ao fim de sua atividade missionária.

Graças à fidelidade até o fim de sua vida ao Projeto de Deus, consequência de sua profunda intimidade com *Abba*, Jesus foi concebido, pelas pessoas que o seguiam no discipulado, como o Cristo, aquele Messias tão esperado que deveria dar início aos tempos messiânicos em que, finalmente, o ser humano assumiria a sua vocação de “reinar” – segundo a Vontade de Deus – sobre toda a Criação. Isso está muito bem expresso em Lc 4:18-21:

Foi-lhe entregue o livro do profeta Isaías; desenrolou-o, encontrando o lugar onde está escrito: *O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou pela unção para evangelizar os pobres, enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para restituir um ano de graça do Senhor.* Enrolou o livro, entregou-o ao servente e sentou-se. Todos na sinagoga olhavam-no, atentos. Então começou a dizer-lhes: *Hoje se cumpriu aos vossos ouvidos essa passagem da Escritura.*

Em suma, o que anima a pessoa de Jesus é o Espírito do Senhor Deus, o mesmo Iahweh que é louvado no Salmo 8 como o único Senhor dos céus e da terra. É a este Senhor que Jesus incentiva seus discípulos e discípulas a servir, no compromisso contínuo com a promoção da vida. O Apóstolo Paulo captou muito bem essa proposta de Jesus e, no seu contexto missionário, sugere às pessoas que desejam seguir Jesus (Fl 2:5): “Tende em vós o mesmo sentimento de Cristo Jesus. [...] Esvaziou-se a si mesmo, e assumiu a condição de servo.”

Aquilo de que Cristo se despojou não é a natureza divina, mas a glória que, por direito, a natureza divina lhe conferia. Desse modo, em sua *kénosis*, palavra grega que significa “esvaziamento”, Jesus “esvaziou-se a si mesmo” e assumiu a condição de “servo”. É provável que Paulo tenha em mente aqui a ideia do “Servo” de Is 52:13 – 53:12. Em meio ao sofrimento e à perseguição dos que

se mantêm na contramão do projeto de Deus (o “inimigo” e “o vingativo” do Sl 8), o “Servo” coloca-se a serviço de Deus, numa fidelidade até as últimas consequências.

Ao longo dos séculos, muitas pessoas cultivaram esse modo de vida cristão de serviço fiel ao projeto do Deus da Vida. Na perspectiva da sensibilidade com todos os seres vivos do planeta, antecipando-se ao que chamamos hoje de Ecologia, um excelente exemplo é o Pobrezinho de Assis. São Francisco (1181/2 – 1226), na sua busca de fidelidade ao Evangelho de Jesus Cristo, viveu a experiência de profunda ligação com toda a obra da criação. Tal fraternidade cósmica passa por várias esferas:

- a) por meio da solidariedade com as pessoas, sobretudo com as destituídas de sua dignidade humana, por meio de uma opção radical pelos irmãos e irmãs mais pobres;
- b) por meio de profunda sintonia com a vida, em suas múltiplas formas no ecossistema. Ao compor o Cântico do Irmão Sol ou Cântico das Criaturas, Francisco traduz em versos toda a admiração que sempre teve pela natureza.

A vida de Francisco e dos seus discípulos é uma crítica profunda ao contexto de sua época (Europa do século XII / XIII). Viveram, sem dúvida, dentro do espírito do Salmo 8.

É diante desse mundo mercantil, onde já reina o espírito capitalista, que se eleva o cântico de Francisco. Sob o aspecto da candura e da admiração, este Cântico das Criaturas é ao mesmo tempo um protesto e um apelo a uma superação. [...] No seguimento de Cristo pobre e humilde, Francisco e seus companheiros recusam o poderio do dinheiro. Renunciaram a se apossar do mundo e das suas riquezas, a se colocar acima dos outros, dominando-os. [...] Aprenderam a olhar os seres e as coisas, de forma ingênua e fraternal, com simplicidade e cortesia. Deixaram de vê-los sob o ângulo de seu valor de venda, para considerá-los como criaturas de Deus, dignos de atenção em si mesmos. Assim descobriram o esplendor do mundo, o esplendor das coisas simples. Seu olhar se deteve, maravilhado, nas realidades mais humildes, mais cotidianas, que eram companheiras de sua vida de pobres: a luz, a água, o fogo, o vento, a terra. [...] Como era bela aos seus olhos esta terra, vista além de toda a ambição e de toda vontade de poder! Deixava de ser um campo de luta para tornar-se o lugar

da grande fraternidade dos seres: “Nossa irmã a Terra Mãe”.<sup>22</sup>

Nessa mesma linha de sensibilidade com o precioso dom da vida, no início da Modernidade, um dos grandes místicos, Santo Inácio de Loyola (1491-1556), escreveu: “Não é o muito saber que sacia e satisfaz a alma, mas o sentir e saborear as coisas internamente.” (Exercícios Espirituais de Santo Inácio, anotação 2).<sup>23</sup>

Temos aqui uma crítica antecipada à especialização científica dos nossos dias, que não consegue enxergar o todo, numa perspectiva holística (palavra que significa “totalidade”). Desse modo, Inácio de Loyola, um contemplativo na ação, sem negar a importância da pesquisa objetiva e pontual, parece nos advertir que é necessário desenvolver uma profunda admiração pelas múltiplas expressões da vida, em toda parte, do micro ao macro cosmos, em profunda sintonia com a perspectiva bíblica, tão bem expressa no Salmo 8.

## CONCLUSÃO

Hoje, mais do que nunca, ecoa por toda parte o grito da terra, ameaçada de tantos modos pelo domínio ambicioso e avassalador dos “adversários” ao Projeto do Deus Criador. Tal minoria da humanidade, ao se apoderar indebitamente das riquezas naturais, roubou para si a obra da Criação e, conseqüentemente, traiu o Plano de Deus, colocando o precioso dom da vida do nosso ecossistema sob ameaça de morte.

A “Carta da Terra”, redigida por vinte e três intelectuais oriundos de vários países, inclusive o Brasil (representado pelo teólogo Leonardo Boff), foi lançada oficialmente pela ONU – Organização das Nações Unidas no ano 2000. No seu preâmbulo lemos:

Estamos diante de um momento crítico na história da Terra, numa época em que a humanidade deve escolher seu futuro. [...] Para seguir adiante, devemos [...] somar esforços para gerar uma sociedade sustentável global baseada no respeito pela natureza,

<sup>22</sup> LECLERC, Eloi. Francisco de Assis: o retorno ao Evangelho. Petrópolis: Vozes, 1983, p. 118.

<sup>23</sup> LOYOLA, Santo Inácio de. Exercícios Espirituais. São Paulo : Loyola, 1997, p. 13.

nos direitos humanos universais, na justiça econômica e numa cultura da paz. Para chegar a este propósito, é imperativo que, nós, os povos da Terra, declaremos nossa responsabilidade uns para com os outros, com a grande comunidade da vida, e com as futuras gerações.<sup>24</sup>

O Salmo 8, como vimos, nos inspira nessa luta tão atual. É um hino de louvor ao Criador do universo e, ao mesmo tempo, uma chamada de atenção à responsabilidade do ser humano de cuidar da criação, como algo fundamental de sua própria vocação. Este grito surge espontaneamente da boca dos pequeninos e dos lábios das crianças de peito (8:2b-3). Na Bíblia, os pequeninos e crianças aparecem como símbolo por excelência do ser humano em sua singeleza e fragilidade, capaz de se encantar (maravilhando-se) com o que descobre. Mas simbolizam também os mais pobres da sociedade. Desse modo, podemos interpretar que ainda hoje o grito da terra ameaçada sobe aos céus como um hino de louvor a Deus, por meio da boca dos pequeninos da terra, excluídos e excluídas sociais. Tal canto de louvor confunde os que usam o conhecimento com o único objetivo de explorar, arrancar riquezas e consumir, desconhecendo a presença de algo maior e extremamente encantador, que está aí, ao alcance dos nossos sentidos, para ser gratuitamente contemplado, saboreado e curtido em sua beleza e grandiosidade amorosa: Deus.

Que sirvamos a tão grande Amor, por meio da promoção do seu dom maior: a vida, em suas múltiplas formas no ecossistema em que vivemos. Uma das formas de prestar esse serviço, hoje, é, sem dúvida, participarmos ativamente de uma sagrada conspiração em prol da ecologia.

#### REFERÊNCIA

BOFF, Leonardo. **Ethos mundial**: um consenso mínimo entre os humanos. Brasília: Letraviva, 2000.

\_\_\_\_\_. **Saber cuidar**: ética do humano – compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes, 1999.

---

<sup>24</sup> BOFF, Leonardo. A carta da terra. In: *Ethos mundial: um consenso mínimo entre os humanos*. Brasília: Letraviva, 2000, p. 147.

LOYOLA, Inácio. **Exercícios espirituais de Santo Inácio**. São Paulo: Loyola, 1985.

KONINGS, Johan. **A Bíblia nas suas origens e hoje**. Petrópolis: Vozes, 2002.

LECLERC, Eloi. **Francisco de Assis: o retorno ao Evangelho**. Petrópolis: Vozes, 1983.

MACKENZIE, John. **Dicionário Bíblico**. São Paulo: Paulinas, 1984.

QUEIRUGA, Andrés Torres. **Repensar a ressurreição: a diferença cristã na continuidade das religiões e da cultura**. São Paulo: Paulinas, 2004.

SCHÖKEL, Luís Alonso; CARNITI, Cecília. **Salmos I (Salmos 1 – 72): tradução, introdução e comentário**. São Paulo: Paulus, 1996.

SCHWANTES, Milton. **Projeto Esperança: meditações sobre Gn 1 – 11**. In: *Construir a esperança: encontro Latino-Americano e Caribenho de Organismos Ecumênicos*. São Paulo: CLAI – Conselho Latino Americano de Igrejas, 1988, pp. 69-135.

SELLIN, E.; FOHRER, G. **Introdução ao Antigo Testamento – Vol. II**. São Paulo: Paulinas, 1978.

WOLFF, Hans Walter. **Antropologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Loyola, 1983.